

ENS A I O

A PROFECIA

LUIZ SÉRGIO DUARTE
Universidade Federal de Goiás
Goiânia | Goiás | Brasil
sergio.duarte.ufg@gmail.com
orcid.org/0000-0003-1541-3206

1. EM WEBER há dois tipos de profecia: Buda e os profetas de Israel são exemplos do tipo ético (conduta pessoal mais que a reflexão abstrata; ensino mais que mística). Jesus, Zaratustra e Maomé são exemplos do tipo exemplar (conduta dirigida por convicção da posse de missão divina). Posição fronteira é a de Moisés que fala com Deus e lidera o êxodo. O profeta carrega uma mensagem e enfrenta na sua defesa a tradição. Não tem um ofício como o sacerdote. É um escolhido. Sua autoridade dirige-se contra a injustiça, a corrupção e a imoralidade. O mais importante em sua caracterização tipológica é que o profeta tanto inventa como reafirma ordens simbólicas. A profecia é, ao mesmo tempo, conservadora (pois afirma a responsabilidade solidária) e transformadora (porque cria sentido). O profeta é um ser do entrelugar, da relação, do movimento, do extremo. O que o profeta produz é a crença. É ela que transforma. O profeta cria postura interna e com ela ação no mundo através do modo de pensar.

2. A profecia segue um padrão de ação irracional, mas porta racionalidade. Seu êxtase, seus estados alterados e seu carisma estão a serviço de uma religião e de seu sentido. O profeta se sente “pleno de Deus”. A vivência de visões, êxtases, jejuns cria nele um estado de intensa emoção. A emoção advém da certeza da apreensão do sentido daquilo que ele vivenciou, mas não há união mística nem vivência divinizada. No caso dos profetas de Israel é o cumprimento de mandatos divinos, e não de rituais ou regras, o caminho da salvação. Abstração e controle ético é a sua contribuição para a racionalização, entendida como *desmagificação*. O preço é desenraizamento: não há vazio místico (ele está sempre tomado pela sua missão), não há êxtase apático (sua paixão religiosa é violenta), raras vezes se sente em íntima união com Deus, pois está sempre em luta com ele, por isso também não se vê em comunhão fraterna com a criação, portanto, o profeta nunca está em paz.

3. A principal característica do profeta é a de mensageiro dos mandamentos divinos. O seu principal objetivo é estar em ativo, positivo, compreensível, racional serviço de Deus. Não há teodiceia filosófica. Não há possessão sagrada religiosa, não há adstração escolástica. O profeta não fala de sentido do mundo e da vida: não conhece a união mística ou a serenidade de alma. O profeta não fala, o profeta faz: é no seu corpo que está o seu discurso. É a sua atitude, sua postura que fala. Sua concepção de Deus e do mundo é pura performance. O profeta não faz psicanálise nem behaviorismo, ele faz Gestalt. Seu ideal é a forma total e ela está no corpo dele. Ela é o corpo dele. As vivências do profeta não são vulgares, são extraordinárias: são carregadas de carisma. A comunhão mística de um divino extramundano é rejeitada formalmente. Dela ele não precisa já que seu corpo é pura substância, conteúdo perfeito. Ele não é um especialista, ele não tem doutrina, ele é um místico, ele faz. Ao mesmo tempo ele é um sacerdote só que sua doutrina é o que ele faz. O que ele faz é dirigir a culpa da ausência de salvação para o próprio crente, para a suas faltas, para o seu pecado.

4. Sob a influência da profecia os judeus conheceram a segregação física e ritual. O dualismo ético do povo eleito recusa a comensalidade com o outro e transforma os judeus em párias: ao se afastarem foram afastados. Foi a esperança messiânica de redenção que isolou e protegeu os judeus. Unidade sob as piores condições: as invasões sucessivas das potências do leste mediterrânico. A profecia garantiu sentido último em um mundo carente dele. Tudo isso produzido literariamente. Oralidade e escrita produzindo sentido ao preço de saudade e agouro. A questão do desencantamento – se construção romântica, cristã, protestante ou fonte da legitimidade e independência modernas – colocada no centro da atualidade, nos ajuda a abordar, de novo, o sentido da experiência humana e do saber a que tal experiência dá acesso. Concepção de Deus (como criador, punitivo, estranho e interventor), de mundo (o contraponto do povo e alvo de dominação), de bens de salvação (mandamentos divinos) e de caminho de salvação (exercício ativo de atitude provada eticamente no cotidiano como preço da libertação de vassalagem a potências ameaçadoras circundantes) articulam-se em uma religiosidade de contratual, coletiva, ativa, ética, *desmagifcadora* e racionalizadora que está na origem do espírito moderno.

5. O mais importante foi a produção de um limite. A profecia resolveu um problema lógico: desigualdade, finitude e escassez são explicadas pelo desvio de um contrato com Deus (no caso do judaísmo) ou pelo desvio de uma ordem cósmica (o carma hinduísta). A diferença entre a ordem codificada e o mundo caótico é culpa de um pecado. Isso explica o objetivo da ação profética: a salvação. Só se entende bem essa lógica estudando o tipo de vida do profeta. O profeta é uma síntese do místico com o asceta. Só idealmente as duas posturas podem ser contrapostas. O interesse em ordenar a vida pessoal e comunitária só se entende se compreendermos o profeta como um contemplativo isolado do mundo mesmo quando age nele. Um místico isolado de todos que só pensa no futuro do povo. A busca da união com Deus se realiza no cotidiano ordenamento racional da vida. Só a vontade planejada e o autocontrole podem quebrar as inclinações humanas e superar a dependência do mundo. Na história é que essas tendências se separam e se realinham.

6. O profeta é pura tensão entre os aspectos práticos e os formais da razão. Mas o objetivo de Weber é claro: conectar ascetismo e racionalização. Fuga do mundo e virtuosismo não são métodos racionais de condução da vida. Não superam a natureza e as inclinações, não favorecem a liberdade e a vontade planejadora. Judaísmo antigo, ordens religiosas medievais, os jesuítas, as seitas do protestantismo ascético: estas sim interessam a uma história da ética que favoreceu a origem do moderno espírito capitalista. A profecia dirigiu-se para este mundo: mandamentos e promessas ligados a problemas atuais produziram uma “economia de força anímica” afastada do meditar metafísico e do sentido do cosmos. O mais importante era, no entanto, a exigência da fé e das virtudes dela resultantes (obediência e humildade). A sorte humana encarada por uma visão sensata, sóbria e sem heroísmo. A honra dos grandes é vã quando não atribuída a Iahweh. A política da profecia é demagoga e utópica: “espera em Deus, povo de Deus”. A dominação carismática é desordeira, revolucionária, extraordinária, personalista. Sobretudo, é instável. A profecia é a razão do absurdo.

7. O método de Weber para lidar com a história e a sociologia da religião era o de isolar grupos religiosos e tratá-los como portadores de ideias e interesses religiosos. São partidos que servem, montam, tratam e espalham concepções da relação entre sublunar e suprassensível. Esses partidos devem ser entendidos a partir da ação social religiosa de seus agentes. A agência é animada por significados. A religião (como conceito) ignora a separação de forma e conteúdo, valor e realização de valor. Estudar religião é estudar um paradoxo. Trata-se de reconstruir causalmente as relações que ligam ações a interesses materiais e ideais em um campo da vida social que ignora essa separação. Reconstruir, analisar, compreender, comparar e interpretar a ação significativa de partidos e agentes religiosos é o trabalho dos cientistas da cultura. Eles devem respeitar a especificidade de cada esfera, dimensão e estrato. Promessas de salvação, rituais de aliança, discursos de federação são textos de história e documentos de ordem e poder social, mas só funcionam enquanto produzem sentido em contexto. Ideias religiosas influenciam interesses de atores assim como interesses materiais influenciam conteúdos e ideias religiosas. Contexto é tanto o código ou sistema simbólico quanto as condições históricas do uso e desenvolvimento de tais estruturas. O pentateuco (*gen, ex, lev, num, Josué*), o hexateuco (*pent + jui, reis, sam*), os livros dos profetas (pré- e pós-exílio) são fontes para o estudo da sociedade e da eticidade. São relevantes para o desenvolvimento do Ocidente. Para Weber, cujo interesse principal nasce do presente, são textos fundamentais para a compreensão da cadeia de valores e ações que alavancaram o capitalismo moderno. No caso da profecia, o desafio é perceber como valores e ações se relacionam quando ideias coincidem com o vivido. O problema é compreender um paradoxo.

8. Para Weber, o capitalismo racional encontra afinidade tanto com a doutrina da vocação de Lutero como com a ênfase na predestinação de Calvino. Segundo influxos históricos e condições sociais as ideias e interesses religiosos entram em contato com condições objetivas. O mais importante é entender a dependência humana de significado e sentido. A direção da relação entre ideal e material é sempre resultado de contextos sociais e simbólicos. Fundamental para a história das religiões é um tipo de interpretação que nasça da espécie de fé que orienta as vivências e seleciona os estados mentais. Ímpeto e barreira do tipo ético da profecia: o Deus é compreensível (ele é soberano, não posse abençoada), o Deus é um fardo (aterrador e rígido, ele viola e fere), sobretudo o Deus é fonte de dever e mandamento. O monismo é o pressuposto da profecia: demônios são insignificantes para a determinação da teodiceia das desgraças. Só Iahweh determina o curso do mundo. Doutrinas dualistas, astrológicas, mitológicas e esotéricas são afastadas e um universalismo cósmico e histórico se impõe com um Deus do agir, um Deus da mudança, não da ordem eterna. O sentido da mensagem dos profetas do judaísmo é simples: obediência aos mandamentos divinos. Castigo, infelicidade, desordem são consequências da violação dessas regras. Uma lógica simbólica: sistema simples de recompensa, relação de coisas que substituem orientando a ação e a produção de representação.

9. O objetivo da profecia é obter autocontrole do crente. Ela lembra o pacto de fidelidade que institui uma união mística produtora de trabalho constante a serviço de Deus. O cálculo sempre se faz, o sentido está claro: a glória de Deus. A profecia é a anunciação de uma verdade religiosa de salvação em virtude de revelação pessoal. Não há profecia sem profeta. O profeta é aquele que exige obediência como dever ético como pressuposto da salvação ou alguém que ensina pelo exemplo o caminho para ela. O profeta está a serviço de um Deus ético ou de uma ordem cósmica. O que porta a profecia é um sentido para a vida e para o mundo. O importante é que o comportamento do homem ganhe um parâmetro, um significado. Esse modelo guiará a vida prática, criará um modo de viver no mundo agora entendido como unidade. Nasce uma tensão entre esse cânone e a realidade empírica. O problema do sentido do mundo não é privilégio da profecia. Toda a sabedoria humana está voltada para essa questão. A profecia (e o sacerdócio) são, segundo Weber, o “colo materno” do qual se desprenderam toda a metafísica e a filosofia não-religiosa. Moral e liturgia misturadas: uma promessa de salvação nascida de uma aliança transforma-se em moralidade ritualizada. Uma sublimação da magia se concretiza através de um movimento de abstração. Não a troca do sacrifício, mas a obediência dos mandamentos. Nasce assim uma perfeita fábrica de ação com sentido com a vantagem do ganho em racionalização, em *desmagificação*. A responsabilidade agora é individual, não mais há responsabilidade solidária.

10. O profeta é memorização viva. Um arquivo importuno, extemporâneo, denunciador, contraditório: rebelde porque portador da tradição. O profeta é um paradoxo que anda. Ao fazer notar a traição, ao mencionar o pacto, ao assinalar o desvio ele determina a estrutura do estocável. Sua relação preferencial é com o futuro. Ele se vê como portador da verdade. Por isso ele tem um comportamento anárquico. Vindo da elite ou da massa subalterna o que lhe interessa é ser o despejo do que está sendo esquecido, precisa ser relembrado e atualizado. Sua missão é fundamental, seu discurso é essencial, seu conhecimento é reserva do que não tem limite. O profeta não é um sacerdote que enuncia e compreende: alguém que exerce memória, vive do arquivo que ele trata e expande. O profeta cria arquivo ao performar o sentido; ele tem febre de passado e, por isso, delira o futuro. O profeta reescreve a história ao resignificar a mudança temporal no presente. Por isso ele é incômodo. Ele é agente de mudança: figura política, disputa poder sobre o tempo.

11. A profecia é a fronteira da cultura. Excesso, porque regida pelo ilimitado; interface entre passado e futuro; meandro: segredo de uma cultura; experiência limite, irmã da loucura; lugar de ruptura, do suplício e da criação. Como conceito das ciências humanas opera como categoria da inteligência do estudo da ordem, da lei, da regra. A profecia é a dispersão que reparte os poderes. Polimorfa e diversa ela institui a diferença: afasta as potências, distingue as ações, especifica as orientações e cria sistema e razão. Não a razão abstrata e estratégica, fruto do cálculo. Mas a razão prática, tática e viva astúcia do gesto pequeno, da micro-história. A profecia quer prevenir a ignomínia e a contaminação, mas faz isso pela remissibilidade: a origem que se repete para se conservar, o impedimento da fundação pura, interação e interoperação. A profecia quer prevenir a ruína exercitando o impasse e a abertura. A profecia quer manter a rede de traços e sintomas a serviço da interpretação; ela é a única arma contra o corpo não presente a si, a perda do sentido como direção e significado, o fim da cultura pelo significante sem controle e sem interioridade. Códigos, significados e referências são protegidos por essa fábrica de impasse. Weber nunca se convenceu sobre o fim da magia e da religião. Além dos “especialistas sem espírito” e dos “sensualistas sem coração” alertou para o surgimento de “profetas de novo tipo” e para o “vigoroso renascimento de velhos pensamentos e ideias”. Hoje, messias e fundamentalismos pululam no mundo ideal da ignorância e da interatividade na internet. O pneuma profético em contato com a imaginação negacionista e a paranoia autoritária produzem hoje um novo tipo de nulidade: os seguidores de falsidades e exploradores das magias e religiões resistentes.

12. O estudo da profecia no judaísmo faz parte da pesquisa sobre o racionalismo moderno. Como a recepção cristã do Velho Testamento se conecta com o desenvolvimento de um universalismo ético. Essa questão é central para a explicação do racionalismo ocidental pois estabelece continuidades entre a profecia, a pregação de Jesus, os escritos paulinos e a teologia calvinista. Uma concepção do mundo como transformável e uma ética da ação superam o ressentimento e a moralidade dualista. A discussão divide Werner Sombart (capitalismo como organização, técnica e empreendimento), Julius Wellhausen (abordagem científica da bíblia) e Ernst Troeltsch com Weber aliando-se a esse último na ênfase da irracionalidade econômica de uma ética da irmandade (por exemplo a remissão das dívidas para os membros da comunidade) e de uma religiosidade que enfatizou a segregação ritualística. Como se sabe o objetivo é localizar a alavanca valorativa para a instituição de padrões de relação social afins à economia de mercado, à legalidade impessoal-burocrática e à organização do trabalho originalmente orientada por interesses religiosos.

13. Mas isso não significa que a validade desse argumento histórico possa fundamentar um julgamento de valor sobre o significado do racionalismo ocidental. Este é julgado como resultado paradoxal criador de uma “jaula de ferro” que nada tem de racional em termos substantivos. O que temos é um formalismo destruidor das intenções religiosas de salvação e dos recursos naturais do planeta. Em Weber há resignação diante de um desenvolvimento com resultados trágicos para a história universal. Sua obra pode ser entendida como capacidade reflexiva que potencialmente pode ser usada numa improvável mudança de rumo. Pessimismo trágico é a marca de uma leitura muito pouco inclinada a fazer qualquer tipo de elogio à razão e sua história. Hegel não convenceu. Não há racionalização do espírito. Há soluções práticas para problemas de sobrevivência com sentido. Racionalização é então um conjunto de preceitos de conduta que dão sentido para uma experiência marcada por uma posição dominada no concerto dos impérios do Médio Oriente. A culpa dos fracassos do povo é dele próprio. É o desvio dos mandamentos. É a traição do contrato preferencial com Deus. A profecia judaica é fundamental na racionalização ética interiorizada que destrói os padrões mágicos da relação com o suprassensível.

14. A importância da profecia está na sua ênfase ética. Ela destrói padrões mágicos de relação com o suprassensível reforçando padrões conscientes e sistemáticos de racionalização do comportamento. A pesquisa do tipo de religião ética recorreu ao estudo histórico de reconstrução de seu nascimento a partir dos escritos dos profetas do judaísmo. O objetivo foi o de remontar as fases do desenvolvimento do racionalismo ocidental. A tese da afinidade entre ética protestante e espírito do capitalismo exigiu a análise e interpretação da história do Velho Testamento. Weber mergulhou na historiografia da Torá em um momento que acabava de testemunhar o nascimento de uma abordagem científica da Bíblia. Os supostos textos de Moisés não foram escritos por ele. A crítica externa do historicismo os datou em um período muito posterior ao Êxodo. Abraham Kuenen e Julius Wellhausen haviam fundado uma teologia liberal e iluminista que expandiu e renovou o relato deuteronômico. Eckart Otto e Talkott Parsons reconstruíram o interesse weberiano na profecia judaica.

15. Uma discussão com Marx e Sombart sobre as origens do capitalismo: interesses ideais (Weber) e materiais (Marx) produziram uma formação social específica, um indivíduo histórico. Tal construto depende mais de um modelo de relação valorativa com o mundo (a ética intramundana ocidental) do que do controle de recursos econômicos. Há uma diferença de grau entre eles. Em Marx há uma determinação em última instância da esfera econômica. Em Weber, vale o espírito do capitalismo (dependente de uma história dos valores ocidentais que remetem ao judaísmo antigo). Em Sombart, vale mais a alma do capitalismo como atitude empresarial burguesa que dá vida a um sistema econômico (concepção, organização e técnica). Esta atitude é tratada fenomenologicamente, como ato de consciência, como um todo a-histórico. Weber procede isolando conceitualmente a atitude, colocando-a em contexto social e comparando-a com outras formações. Como parte de uma perspectiva compreensiva, comparativa e tipológica o estudo da ética econômica das religiões mundiais se torna fundamental para a caracterização do capitalismo.

16. Foi Wolfgang Schluchter que chamou-nos a atenção para um tipo de desenvolvimento pensado por Weber e em discussão com Marx e Hegel. A segregação do povo pária foi uma construção prática de uma nação oprimida por impérios, mas que possuía uma literatura refinada. Uma moralidade dual e uma escatologia do ressentimento produziram a resposta significativa e apontaram a direção de sobrevivência para uma experiência de derrotas, migração recorrente e invasão estrangeira. Esse mundo terrível poderia ser alterado pela consciência. A fidelidade ao pacto com Deus alteraria esse lugar de humilhação, miséria e desespero. O mais importante é que essa ideia teve impacto no racionalismo ocidental, na economia de mercado, no sistema religioso, na organização burocrática e no tipo de arte que se produziu na modernidade. Foram a visão de mundo e a ética do judaísmo antigo que, em tensão com a segregação ritual (ou seja, corporal), pensada pelos profetas, que alavancaram a burguesia. A ética cristã do protestantismo ascético ganhou significado sociológico e amplitude histórica por causa desse desenvolvimento especial que conecta Oriente Médio, Europa medieval e capitalismo mundial. Rejeição do mundo, somada a atuação esperançosa e angustiada nele produziram um sistema racional que produz conforto material e exploração destrutiva de recursos. Uma jaula que alivia. Desenvolvimento sem progresso. Hoje vemos o alcance da profecia de Weber: a produção de diferentes tipos de nulidades é uma sobra da racionalização intramundana. *Desmagificação* é perda de sentido e produção da liberdade sem critério. A magia e a religião não retornam, elas nunca foram embora. A ameaça teocrática só será evitada se arranjos institucionais e educacionais resistirem a fanáticos e falsos profetas. Essa luta está apenas no começo. Nada está garantido, só temos contingências. Mas o sono cria monstros. A razão é só uma chance.

17. Para Weber, o cerne da questão do sentido no Ocidente são as fases e a fixação da tendência de domínio de uma ética racional intramundana. Com o judaísmo antigo, sob a influência de um Deus da guerra que unificava uma confederação de tribos fragilizada e marginal, fixou-se uma direção. Não se valoriza a vida após a morte, como no Egito, os sacrifícios humanos dos fenícios ou as concepções astrológicas como na Mesopotâmia. A sobrevivência do povo pária, joguete das grandes potências do Oriente Próximo, dependeu da afirmação de uma visão de mundo que orientou um tipo de interesse e ação utilitária e pragmática. Com o judaísmo, o Ocidente aprendeu a solucionar qualquer problema nesse mundo. O preço foi a limitação em avaliar princípios e consequências. A razão instrumental confirmou-se mais tarde com a ética da vocação. Racionalizamos qualquer corpo, atividade ou procedimento (racionalizar é, nesses termos, calcular, sistematizar e submeter a uma conduta metódica). O Ocidente já se provou bom em planejar e administrar campos de extermínio étnico, procedimentos de guerra e destruição de ecossistemas. Racionalização é também justificação inconsciente do desejo. É mecanismo de defesa ou produção de equivalentes que desrespeitam a diferença. É redução lógica de uma história pouco reflexiva. Ao privilegiar a razão instrumental (adequação de meios a fins) produz-se uma deficiência que, talvez, uma sociologia histórica comparativa e compreensiva possa ajudar a localizar e enfrentar.

18. Além da dificuldade em avaliar princípios e fins o judaísmo antigo produziu a relação direta entre moralidade pessoal e suprassensível (o pressuposto valorativo da racionalização como relação entre ordem ética e criador do monoteísmo ético). Mais tarde, o protestantismo ascético completará a tarefa de produção do estilo de vida adequado à modernidade. O preço foi uma afinidade com pressupostos teocráticos, ou seja, um tipo de arranjo institucional com sérias dificuldades tanto em conceber a relação entre as ordens parciais como conceber a especificidade da própria ordem religiosa. Um alto preço *desrracionalizador* é pago e uma trava institucional produzida. Fundamentalismo e autoritarismo de inspiração teocrática passam a dispor de massas submetidas ao apelo do pneuma profético. O que se produz é individuação despersonalizada e valoração pré-moderna. Schluchter nos mostrou a teoria do desenvolvimento sem progresso. Empresa contínua racional, desenvolvimento técnico, administração contabilizada não garantem indivíduos reflexivos, sistemas políticos livres de dominação carismática ou ordenamentos jurídicos livres de abusos de inspiração totalitária.

19. Só contamos com a ciência das coisas humanas: o saber da irrazão e do paradoxo. Potência de crítica de um padrão de desenvolvimento a que só a moderna reconstrução histórica e sociológica pode dar acesso. Mais ainda, um novo de tipo de profecia: ela fala de multicausalidade, se recusa a proceder dogmática, abstrata e unilateralmente. O que ela antecipa é um saber sem determinação em última instância. Não há qualquer redução ou determinismo econômico, político, ideal ou material. Valor, símbolo, matéria, forma, representação, experiência, semiose, linguagem são apenas variáveis. O peso das causas e a forma das configurações mudam e com elas devem mudar a compreensão que é a forma da explicação das coisas humanas. Ações e contextos especificamente tratados e problematicamente comparados podem produzir explicações adequadas causalmente e previsões objetivamente possíveis.

Interesses ideais e materiais em interação esse é o caminho para a explicação dos fenômenos que portam símbolo. Um novo tipo de profecia, além dos tipos exemplar e ético, um tipo contrafactual ou virtual. Profética porque arrisca tudo para defender um valor (a busca da verdade). Mas de novo tipo, porque quer uma ciência crítica controlando valores, preparada para defender o pensamento e o interesse prático. Um tipo de saber preparado para lidar com valores (o mundo da pluralidade conflitiva). Escolhendo bem qual é o caso, que tipo de interesse ideal ou material o produz, qual axioma o dirige, preparada para sondar que consequências adversas e impensadas podem advir de um deficitário tratamento lógico da questão e de uma má avaliação dos recursos necessários para o alcance dos objetivos pretendidos. No caso da ciência importam sempre as mesmas variáveis. Problema, objeto, objetivo, materiais, hipóteses, procedimentos, conceitos e disposição estético-narrativa dos resultados. Contingência levada a sério, cadeias causais instáveis, confiabilidade suspeita, análises controladas, perguntas hipotéticas, passados plausíveis, futuros potenciais, dados e categorias sob constante crítica. Tudo o que uma espécie que acumulou registros, procedimentos de tratamento, coleções de relatos de conjunturas, táticas, estratégias e com riscos crescentes à sua sobrevivência, necessita.

20. Weber nos mostra o caráter racional das profecias hebraicas. Elas exemplificam a relação entre destino e ação. Escritos proféticos são produtos literários de uma visão de mundo meta-histórica. São esforços não mágicos e históricos de produção de uma solução ética que se provou fundamental para o Ocidente. Mesmo quando sobrevive em leituras mágicas e retrógradas – em versões ou propostas degradadas de fundamentalismo, teocracia e autoritarismo – deve-se entender que a cultura ocidental moderna nasceu da superação do judaísmo profético. Sem a profecia ética o Ocidente moderno não teria se constituído: ela produziu abstração sistemática de caráter não mágico. Isso nos ensina o papel central da interpretação, da fé e da vivência de estados mentais alterados. Não há ciência sem interpretação, apego vocacional e total dedicação. É a interpretação que impõe à seleção e realiza a descoberta. O Ocidente moderno dependeu de um tipo de profecia ética que possibilitou o nascimento de um tipo de saber. A ciência como vocação é demanda enalçada e tormentosa: não é uma posse afortunada. Ela não tem caráter místico. É um ofício difícil, um fardo, um dever, um paradoxo e uma transgressão. Aí está seu o perigo.

A Profecia

Ensaio recebido em 25/03/2022 • Aceito em 05/09/2022
 Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado